

**ANAIS DO II COLÓQUIO DO LAHES:
MICRO HISTÓRIA E OS CAMINHOS DA
HISTÓRIA SOCIAL**

Comissão Organizadora:

Prof^a Dr^a Carla Maria Carvalho de Almeida (UFJF)

Prof^o Dr Cássio Fernandes (UFJF)

Prof^a Dr^a Mônica Ribeiro de Oliveira (UFJF)

Prof^a Dr^a Sônia Maria de Souza (UFJF)

Promoção:

Laboratório de História Econômica e Social

Programa de Pós-graduação em História da UFJF

Apoio:

Pró-Reitoria de Pesquisa

Instituto de Ciências Humanas

FAPEMIG

CAPES

Editoração:

Bianca Portes de Castro

Ficha Catalográfica:

II Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social (2008: Juiz de Fora, MG). Micro História e os caminhos da História Social: Anais / II Colóquio do LAHES; Carla Maria Carvalho de Almeida, Mônica Ribeiro de Oliveira, Sônia Maria de Souza, Cássio Fernandes, organizadores. Juiz de Fora: Clio Edições, 2008, <http://www.lahes.ufjf.br>.

ISBN: 978-85-88532-29-8

1. História 2. História Econômica e Social. I. Carla Maria Carvalho de Almeida. II. Mônica Ribeiro de Oliveira. III. Sônia Maria de Souza. IV. Cássio Fernandes.

MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS NA PERSPECTIVA DO SUJEITO

Luciana Verônica da Silva*

Introdução:

Este trabalho resume-se em uma tentativa teórica de apontar as possibilidades de utilização dos preceitos metodológicos da micro-história italiana, articulada aos pressupostos epistemológicos da sociologia francesa de Pierre Bourdieu para o estudo de espaços coletivos, como as associações de bairro, a partir do sujeito inserido na coletividade. Parto da premissa de que este indivíduo é dotado de uma visão de mundo particular, o que o leva a participar de um movimento associativo como estratégia para aquisição de melhorias tanto em seu ambiente físico como em sua capacidade de absorção e interpretação da realidade social, mesmo não sendo este último o aspecto motivador.

O desenvolvimento urbano e industrial experimentado entre as nações capitalistas principalmente a partir do início do século XX, complexificou as relações sociais e uma das características desses novos tipos de relacionamentos seria a crença no poder da coletividade em solucionar problemas. As cidades tornaram-se cada vez mais populosas e as pessoas passaram a ter que aprender a conviver em uma sociedade cada vez mais diversificada, passando a criar espaços coletivos e a experimentá-los na forma de pressão pela resolução de suas demandas. Neste trabalho, me atenho de forma especial a um a forma específica de espaço coletivo, que são as associações de bairro, enquanto local de luta por melhorias nas condições de vida da população e espaço de discussão de assuntos políticos econômicos e sociais.

Neste sentido as associações e movimentos de bairro da cidade de juiz de fora, em especial o movimento denominado de UNIBAIRROS, tornam-se ambientes especialmente profícuos para este estudo. Eram locais em que pessoas de diferentes bairros da cidade, com diferentes origens e ocupações reuniam-se para discutir assuntos diversos e definir formas de luta e reivindicação. A diversidade dos participantes foi constatada em pesquisa realizada nos livros e documentos do movimento. Estudantes, desempregados e trabalhadores (sub-empregados e qualificados), reuniam-se em um mesmo ambiente e discutiam os mesmos

* Mestranda em História – UFJF. E-mail: luciana.veronica@hotmail.com

assuntos, mas a questão está em saber se os objetivos que os levaram a participar do movimento era o mesmo e se a visão que tinham daquele espaço correspondia à de todos. Uma resposta pronta poderia dizer simplesmente que sim, é claro que haveriam visões e motivações diferentes, mas a idéia aqui não é uma resposta simples e acabada. É neste ponto que acredito ser de fundamental importância a utilização do método micro-histórico para com a redução da escala, a partir do estudo da trajetória entender melhor a escolha destes indivíduos. Assim também os aportes teóricos de Bourdieu serão neste momento importantes mecanismos de compreensão dessa rede que se estabelece nesses ambientes e da existência de diferentes níveis de capitais simbólicos.

Os Movimentos Associativos

Durante o período de ditadura militar no Brasil o cidadão experimentou a restrição do direito de voto – um dos meios formais de participação em um governo democrático – sendo cerceado intensamente por mecanismos de coerção, o cidadão que viveu este período encontrava poucas alternativas de participação política. O arrefecimento dos mecanismos de coerção e a esperança de maior participação política e de melhores condições de vida, no final da década de 70, fizeram com que se experimentasse o alargamento das possibilidades de canalização das reivindicações.

Quando a partir de 1974, os mecanismos de exceção começam a ser gradualmente extintos, a sociedade encontra novamente espaço para participar, de várias formas, institucionalizadas ou não, da vida política do país. O período de 1974 a 1988 pode ser caracterizado pelo início da redemocratização do país, pelo crescimento econômico – mesmo que em menor ritmo, em relação aos anos anteriores – e pelo aumento da população – com maior concentração de pessoas em áreas urbanas. Outra característica específica deste período é a proliferação ou mesmo o ressurgimento dos movimentos associativos e dos grupos de base, com os mais diferentes perfis e objetivos, beneficiadas pelo arrefecimento dos mecanismos de coerção de uma ditadura militar que dava sinais de esgotamento. Durante os anos de redemocratização e pelo menos até a década de 90, a sociedade experimente um furor democrático e participativo nunca antes visto, foi também quando o Brasil vivenciou suas grandes manifestações públicas e suas grandes greves operárias. Cansados dos vários anos de

Ditadura e das dificuldades de participação, o cidadão passa a acreditar que a luta pela democracia seria a solução para os problemas sociais e econômicos que afligem o país naquele momento¹.

As associações de bairro de Juiz de Fora, constituídas durante este período demonstraram certa organização, o que as torna um objeto de estudo singular no que se refere à intenção de captar informações sobre os setores populares da sociedade e sobre a forma como exerceram sua participação política. Estas associações representavam um importante instrumento de canalização de demandas ao poder público e suas agências, sendo, por isso, bastante procuradas por pessoas das comunidades. Em Juiz de Fora, paralelamente às tradicionais associações de bairros ou sociedades pró-melhoramentos – SPMs – existentes na cidade desde pelo menos a década de 40 e de certa forma, já institucionalizadas, começava a surgir em meados da década de 70, diversos tipos de associações coletivas e/ou voluntárias, a partir de grupos culturais e desportivos, muitas incentivadas por grupos de base da Igreja Católica. Este é o caso do Movimento UNIBAIRROS, que conseguia reunir jovens, estudantes e trabalhadores de diversos bairros da cidade em busca de “uma sociedade mais justa e mais humana²” e abriam espaço para as mais diversas formas de expressão da cidadania. Casos semelhantes de movimentos associativos foram analisados por Renato Raul Boschi (1987), que se concentrou principalmente nas associações de bairros de classe média e periferia do Rio de Janeiro e Belo Horizonte e procurou desvendar de que forma as associações de bairro cumpriam a função de intermediar as classes populares sub-representadas e o governo.

Para o tema específico das associações de bairro, o livro de Renato Raul Boschi, *A Arte da Associação*, torna-se um importante referencial teórico por focar as “vicissitudes da associação sob um regime autoritário em transição e outras formas de mobilização³”. O texto de Boschi demonstra que o espaço criado por estas associações, representa, neste momento, uma possibilidade de exercício da democracia, em um regime que gradualmente abria suas instituições políticas. O autor estuda vários tipos de associação como os sindicatos e os partidos políticos, mas me atenho em especial aos capítulos sobre as associações de bairro e aos estudos de caso para as cidades do Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Apesar de dar atenção especial às associações de moradores de bairros classe média e não tanto às

¹ In: BOSCHI, Renato Raul. *A Arte da Associação*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1987. P. 14

² Trecho extraído do editorial da 1ªEd do “UNIBAIRROS – O Jornal Dos Bairros de Juiz de Fora”. 1980. P.1

³ BOSCHI, Renato Raul. *Op. Cit.* P. 13

associações de moradores da periferia e das favelas, a metodologia utilizada por Boschi mostra-se interessante em sua argumentação e poderá contribuir para este estudo. O autor buscou quantificar e qualificar dados como o nível de burocratização e estrutura dos movimentos, participação e frequência nas assembléias, atividades e demandas das associações, o que contribuiu para a tentativa de mostrar de que forma a atuação de grupos organizados promoveram a abertura de espaços democráticos⁴.

Estudos como o de Boschi contribuem para o entendimento dos diferentes movimentos sociais e de bairro e suas diferentes formas de ação e organização. Segundo as fontes municipais, as primeiras formas de organização popular da cidade provavelmente tiveram início durante a década de quarenta com o objetivo de melhorar as condições de vida da população. O período marca o início das primeiras formas de organização popular na cidade, até então, os anseios da comunidade eram traduzidos através do movimento operário, em meio a lutas por melhores condições de trabalho. As primeiras Associações de Moradores, conhecidas como Sociedades Pró-melhoramentos, ou simplesmente SPM, foram criadas nos bairros São Mateus, Nossa Senhora Aparecida e Grama. As SPM's tinham um caráter tradicional, sendo dirigidas somente por homens mais velhos, muitos desses dirigentes acabavam se lançando no mundo político. Os anos 70, todavia, marcaram uma mudança significativa neste quadro, seja pela mudança no panorama político e social, pelo crescimento econômico ou pela influência de outras instituições como a Igreja e Prefeitura. Surgem as Comunidades Eclesiais de Base, sustentadas pela Igreja Católica Progressista da cidade o que incentiva a formação de diversos grupos nos bairros da cidade, ligados ou não à ação da Igreja Católica. O Movimento UNIBAIRROS surgiu do esforço de união de muitos destes grupos, para fortalecer suas ações.

A formação de muitos desses grupos ligados à Igreja Católica pode ser entendida a partir das transformações ocorridas no interior da estrutura da Igreja Católica iniciadas com o Concílio do Vaticano II e a partir das modificações introduzidas pelo papado de João XXIII, que contribuíram para o surgimento do Cristianismo da Libertação. Michael Lowy⁵, em texto sobre o tema, aborda o processo através do qual, surge no interior na igreja uma corrente de pensamento que deixa de considerar o pobre como objeto de proteção ou caridade para passar a considerá-lo sujeito de sua própria libertação, articulando teologia (cristianismo) e

⁴ BOSCHI, Renato Raul. *Op. Cit.* P. 141

⁵ In: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As Esquerdas no Brasil; v.3). P. 389-410.

marxismo. Em ambas, os valores anti-individualistas e comunitários, o protagonismo dos oprimidos, a crítica ao liberalismo econômico, à perspectiva universalista de transformação e a visão teológica do reino de Deus eram prevalentes, o que contribuía para esta aproximação. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) seriam o grande braço do movimento, assim como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC). .

É possível afirmar que o surgimento das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) ligadas à Teologia da Libertação, influenciaram a formação de diversos movimentos associativos. Localizados muitas vezes nas periferias das cidades, esses grupos, muitos formados por jovens, mas principalmente por trabalhadores ou candidatos a, que utilizavam estes espaços para a discussão de seus problemas e para pensar possibilidades de luta para solucioná-los. Na esteira deste, diversos outros surgiram ligados à cultura, à educação ou ao esporte. Muitas vezes era através de grupos menores como estes, ligados ou não à igreja, que o indivíduo dava seu primeiro passo na vida associativa. Para o caso do UNIBAIRROS, que surgiu como a união de diversos movimentos essa ligação é evidente.

Tentando conceitualizar esse tipo de movimento associativo, podemos procurar caracteriza-lo como uma forma de associativismo voluntário conforme definido pelo dicionário de política organizado por Norberto Bobbio:

... grupos formais livremente constituídos, aos quais se tem acesso por própria escolha e que perseguem interesses mútuos e pessoais ou então escopos coletivos. O fundamento desta particular configuração de grupo social é sempre normativo, no sentido de que se trata de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados⁶.

Sendo que as associações podem se diferenciar quanto ao grau de organização, aos critérios de seleção e recrutamento dos membros, à especificidade ou a heterogeneidade das metas e objetivos a atingir entre outros fatores. Esse tipo de associação pode ser considerado de grande importância para manutenção de uma democracia substancial, “*enquanto se posicionam como entidades de equilíbrio do poder central e como instrumento para compreensão dos processos sociais e políticos*”⁷. As causas que podem ser buscadas como determinantes para o surgimento do fenômeno associativo devem ser procuradas no processo de industrialização e de urbanização e na busca pela constituição ou manutenção dos regimes democráticos. A admissão de agrupamentos como este, reunidos por interesses comuns, como

⁶ BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. P. 64.

⁷ BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. P. 65.

interlocutores no debate social, provocou segundo Marshal “importante fissura na ordem jurídico-institucional laissez-fairiana, strictu sensu, ao admitir a legitimidade de demandas coletivas, antes que estritamente individuais⁸”.

Micro História, poder simbólico e movimentos associativos

Jacques Revel (1989), sempre esteve bem próximo da micro-história italiana a qual via como detentora de uma metodologia que permitia ao analisar o micro, contrastá-lo com as configurações que se apresentam no macro, e mais do que perceber os paralelos existentes, verificar que haviam aspectos totalmente diferentes e que deveriam ser analisados em maior profundidade. Para o autor o que se configura, são formas alternativas para pensar o mundo social e seu processo histórico a partir da variação de escalas de análise. Diferente do trabalho monográfico, a escolha de uma escala particular de observação pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento, uma alternativa para o enriquecimento dos estudos da história social construída a partir de baixo. A falência dos modelos baseados na categorização do social tornou-se mais sensível devido principalmente à influência das problemáticas antropológicas para as análises locais. O encolhimento do campo de observação serve muito bem às análises sócio-históricas que se propõe a estudar a construção de identidades sociais plurais e plásticas e suas relações na sua transformação em termos de processo com maior atenção à ação individual. A escolha desse tipo de abordagem implica a redefinição de vários pontos em história, dos pressupostos da análise sócio-histórica, da noção de estratégia social, da noção de contexto, da hierarquia dos níveis de observação.

Neste sentido, a proposta de utilização da micro-história para o estudo do sujeito inserido em um movimento associativo, configura-se como uma alternativa metodológica com o intuito de melhor conhecer não só a dinâmica do movimento, mas também as motivações do sujeito, revelando visões de mundo que condicionam sua ação. Sabendo que o método micro-histórico pode pautar-se pela análise da trajetória e pela utilização do nome como fio condutor pareceu-me ser esta pesquisa perfeitamente viável. Levando-se em conta que a análise das fontes presentes no movimento UNIBAIRROS e nas associações de bairro

⁸ In: Santos, Wanderley Guilherme. Cidadania e Justiça : A Política Social na Ordem Brasileira. 3ªed. Rio de Janeiro: Campus, 1994. p. 18

da cidade Juiz de Fora já foi iniciada, porém sem satisfatórias análises, esta sugestão de pesquisa está baseada na constatação da existência de documentos que permitem a identificação de diversos participantes e sua constância no movimento ao longo do tempo, o que possibilitaria o estudo de suas trajetórias ou a eleição de uma trajetória em particular.

Como em “O queijo e os Vermes” onde Carlo Ginzburg procura entender quais os elementos populares estão enxertados nas idéias e nas confissões de Menocchio, o moleiro friuliano protagonista do livro, que vão do radicalismo religioso ao naturalismo científico, às aspirações utópicas de renovação social. É através do estudo desse personagem que o autor chama a atenção para as convergências entre as idéias deste moleiro e à de grupos intelectuais das elites, e dessa forma discute o problema da circularidade da cultura, conforme formulado por Bakhtin⁹. A problemática em torno da validade do estudo das idéias e crenças de um único indivíduo para o entendimento da totalidade das classes mais baixas, pode ser resolvida quando entendemos esse caso excepcional como um indício significativo no estudo quantitativo das possibilidades. O interesse dos estudos micro-históricos em investigar fenômenos circunscritos como uma comunidade, uma família ou mesmo um indivíduo pode ser entendido como uma busca em melhor entender determinados processos macro-históricos ainda não analisados de forma satisfatória¹⁰.

O estudo inicial das fontes do movimento UNIBAIRROS, uma associação civil, sem fins lucrativos, com sede na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais e que tem suas finalidades definidas em estatuto desde 1982, foi possível perceber a existência de conjuntos documentais que permitem um estudo micro. Em suas primeiras reuniões, os participantes do Movimento UNIBAIRROS, idealizaram criar um instrumento que desse maior força às reivindicações dos bairros da cidade. Conforme texto manuscrito encontrado nos arquivos da entidade o primeiro encontro foi realizado no dia 19 de abril de 1980 onde participaram 59 pessoas pertencentes a grupos dos bairros São Benedito, Santa Cândida, Linhares e Vila Ideal. A proposta era trocar experiências e buscar maior diálogo entre as pessoas dos diferentes bairros. Saber dos problemas de cada comunidade e tentar realizar um trabalho unificado. Entre as propostas apresentadas estão o jornal, uma peça de teatro, formas de promover maior interação entre os bairros através de torneios esportivos e ajuda mútua. Votou-se também o nome da associação: UNIBAIRROS e ficou estabelecida necessidade de encontros periódicos e a intenção de

⁹ GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo, Cia das Letras, 1996. P. 25.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. A micro-história e outros ensaios. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

mostrar á Juiz de Fora o que estava acontecendo nos bairros¹¹. Este jornal é rico em informações, pois, a maior parte das matérias era produzida por militantes do movimento e estes textos são ricos em detalhes, onde a opinião e o posicionamento do autor sobre diversos assuntos estão presentes.

O Jornal UNIBAIRROS tinha a característica de ser produzido, editado e distribuído pelo Movimento UNIBAIRROS, possuindo um corpo editorial constituído entre seus membros e com impressão terceirizada. Era inicialmente vendido em alguns locais específicos como bares e mercearias dos bairros Vitorino Braga, Santa Cecília, Linhares, havendo também os assinantes. Aos poucos o jornal foi ganhando notoriedade e tornando-se popular, sendo vendido em bancas de jornal e revistas, além dos pontos de venda iniciais e dos assinantes, chegando à tiragem de 5000 exemplares.

O primeiro exemplar funcionou como uma apresentação do jornal e do movimento. No editorial algumas de suas finalidades:

*O UNIBAIRROS é o começo do princípio de uma idéia surgida em um encontro de grupos que desenvolvem um trabalho de base em pró dos melhoramentos em seus respectivos bairros. A idéia surgiu da necessidade de intercâmbio entre esses grupos que como toda raça humana não pode viver desassociada ainda mais quando se desenvolve um trabalho comum visando o bem de todos, ou melhor: A LUTA POR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA E MAIS HUMANA. (...) Aí Está: O NOSSO PRIMEIRO NÚMERO. Trata-se de um relato da história dos grupos fundadores acompanhados da proposta que o movimenta, onde o UNIBAIRROS procura encenar seu papel de conscientizador da classe prejudicada...*¹²

Internamente o jornal trazia textos de cada grupo componente do movimento, dessa forma havia textos dos grupos provenientes dos bairros Vitorino Braga, Linhares, Santa Cândida, São Benedito, Vila Olavo Costa e Vida Ideal. Havia um espaço de palavras cruzadas denominado “Aqui você brinca e se instrui” onde termos ligados a acontecimentos na cidade e no Brasil estavam colocados para que o leitor localizasse. Uma coluna intitulada “Trovas, poesias de nossa gente” dedicada aos poetas, espaço aberto às poesias produzidas pelos moradores dos bairros. O jornal passou a contar ainda com a presença de um jornalista responsável, sendo a partir de 1983 registrado em cartório. Passou também a possuir uma editoria de cultura e uma de política. Em 1982 surge o complemento Hora Extra, composto unicamente de poesias produzidas pelos participantes do movimento e moradores dos bairros. Surgem também as edições especiais com temas variados, geralmente nos aniversários do jornal e do movimento, além de datas especiais do calendário nacional como o 1º de maio. É

¹¹ Dados extraídos da “Ata de Fundação UNIBAIRROS”, presente no Livro de Atas do Movimento UNIBAIRROS, P. 9.

¹² UNIBAIRROS, Jornal. Editorial. 1980, n01, p.1

possível que tenham tido a colaboração de jornais tradicionais da cidade, pois algumas fotografias eram creditadas a fotógrafos a eles pertencentes e traziam até mesmo o nome do jornal de onde a fotografia foi retirada.

Com a periodicidade o jornal se estrutura passando ter colunas fixas. Além das duas acima citadas, merecem destaque ainda as colunas “Nós Mulheres”, com informações sobre saúde, direitos e planejamento familiar; “Qui qui ocê acha?”, com textos sobre o que acontecia na cidade de Juiz de Fora; “Coluna do Trabalhador”, trazendo textos sobre reajustes salariais, direitos trabalhistas, sindicatos, apoio a determinada categoria, entre outros; e por fim a coluna “Taí nossa gente”, que se mostrava como muito mais que uma “coluna” estendendo-se, por vezes, a várias páginas do jornal, neste espaço eram publicados textos de moradores sobre a conquista ou não de determinado objetivo, como creches, pavimentação, moradia, saneamento e convocando para que mais pessoas entrem na luta por aqueles pontos.

É dessa forma que reivindicações práticas aparecem nos jornais e documentos descrevendo a luta de moradores dos bairros por condições melhores de vida. Assim enquanto os moradores do Bairro São Pedro exige maior segurança, transporte, água, rede de esgoto, os pais de alunos protestam contra o alto preço do ensino e engrossam o movimento contra a carestia. Moradores do Bairro Industrial denunciam poluição do córrego que corta o bairro, e que pode provocar doenças assim como moradores do bairro Santa Cândida lutam pela rede de esgoto. Bairro Vida Ideal pede esgoto, calçamento e posto policial. Moradores do Santa Luzia falam da conquista da creche e no bairro São Pedro grupo cultural organiza e promove “I Fuzuê Cultural”. Do outro lado o movimento chama para a luta contra o desemprego e para o ato público contra o aumento da passagem, recolhendo assinaturas. Discute sobre reforma agrária, sobre a “Assembléia Constituinte livre, soberana e popular¹³”, e sobre as “Diretas”. A edição de nº 20 de 1983 trazia na capa a pergunta: “Esse é um país que vai pra frente?” discutindo a situação política, econômica e social do país.

O Movimento UNIBAIRROS, assim como diversos outros movimentos sociais do período, surgiu e se desenvolveu com a proposta de ser um local para o exercício da democracia e da participação, um espaço para o debate, para reflexões sobre a vida política, social e econômica do país. Abriu espaço para que cada bairro, através de seus moradores e representantes expusesse suas demandas. Procurava despertar nas pessoas um maior interesse pela vida política do país, chamando-as a participar de seus atos e eventos. O Jornal UNIBAIRROS, também fazia parte desta proposta, contribuindo para o fortalecimento das

¹³ UNIBAIRROS, Jornal. Frase da Capa. 1985, n26, p. 1.

relações entre a comunidade e o movimento, desempenhando um papel social, de conscientizador, driblando a teórica necessidade prévia de estar baseado em alguma autoridade, discurso de verdade ou poder. Era informativo, politizado, questionador. Trazia à discussão assuntos relativos à vida cotidiana das pessoas como também questões complexas da realidade nacional.

Outro conjunto documental que evidencia as possibilidades para o estudo do sujeito neste movimento é representado por trinta questionários utilizados pela organização do movimento em 1984, como uma espécie de “pesquisa de opinião”. Neste questionário entregue aos participantes em determinado momento de uma reunião havia uma parte de identificação que deveria ser preenchido com o nome, endereço, profissão e data de nascimento, e mais três perguntas: “Quais os pontos positivos você vê no Unibairros?”, “Quais os pontos negativos você vê no Unibairros?” e “O que você propõe para melhorar nosso movimento?”. O estudo inicial destes questionários demonstrou primeiro a variedade das ocupações, da faixa etária, e posteriormente demonstrou ser interessante meio para perceber como as pessoas viam o movimento. Por menor que seja essa amostragem, os questionários permitem visualizar o que os participantes expressavam “de próprio punho”, suas opiniões, sugestões e críticas.

A identificação pedida no início do questionário já permite ter contato com a heterogeneidade dos componentes do movimento. De engenheiro civil a desempregado, de estudante a sociólogo, os participantes ali encontravam-se em um mesmo espaço, teoricamente com os objetivos comuns. A tabela abaixo feita com base nestas informações permite uma ilustração a este respeito:

1 grameiro	1 doméstica	1 sapateiro,
1 servidor público,	1 sociólogo,	1 vigilante,
1 caixa,	1 técnico,	1 professora,
1 atendente de farmácia,	1 engenheiro civil,	1 zelador.
2 desempregados	2 serralheiros	2 pedreiros,
2 comerciários,	4 não declararam ocupação,	6 estudantes

Ocupação dos militantes que responderam ao questionário¹⁴

¹⁴ Conjunto documental em suporte de papel, composto por 30 itens, presente no arquivo do movimento Unibairros, constituído de questionários produzidos pela organização do movimento e distribuído entre os participantes, datado de 1984.

A segunda parte do questionário, onde as perguntas permitem respostas mais abertas, é bastante interessante para o estudo proposto já que, mesmo utilizando-se de pensamentos já internalizados pelo grupo, as pessoas “falam” e demonstram posições frente ao grupo. Alguns casos exemplificados por estes mesmos questionários possibilitam contraposições e no caso de um estudo conduzido pelo nome, permite conhecer uma expressão do sujeito em sua trajetória. Dessa forma, um militante à época com 54 anos, servidor público, morador do bairro Passos, relata no questionário que vê como pontos positivos no movimento a dinamização que este promove nos movimentos populares, a autenticidade da luta pelo bem comum, a contribuição deste na discussão dos problemas comuns dos moradores da periferia e o apoio do UNIBAIRROS aos movimentos maiores. Não encontra no momento pontos negativos e sugere que se faça de vez em quando encontros de meio dia em bairros periféricos tentando unir os moradores.

Já um outro militante, sapateiro autônomo, à época com 26 anos, vê o jornal do movimento como um ponto positivo por ser altamente popular e abranger a maioria do “povo simples” (trabalhadores) da periferia procurando conscientizá-los mais dos seus direitos e ao mesmo tempo informá-los do que acontece nos bairros servindo de intercâmbio das lutas populares. Como pontos negativos, cita o grande intervalo de tempo entre a edição de um e outro exemplar e chama atenção para a necessidade do movimento atuar mais nos bairros, no meio do povo. Uma militante de 27 anos, moradora do Vitorino Braga, descreve o movimento como *“oportunidade de conhecermos os problemas dos bairros da periferia e saber que temos condições para melhorá-los, numa luta em comunidade”*. Sugere ainda, maior divulgação do jornal, *“para que todos os bairros de Juiz de Fora tomem consciência daquilo que eles podem lutar para melhorar o seu bairro e fundar movimentos. (...) para que todos os bairros tenham um movimento”¹⁵*. Como este trabalho propõe apenas apontar para as possibilidades de utilização desse tipo de fonte, a análise desses questionários não será feita aqui.

Nem todos os documentos deste movimento foram estudados, mas a julgar pelo já vistos há uma riqueza de informações para o estudo proposto. Há participantes com uma longa trajetória no movimento e mesmo na vida política da cidade, assim como outros com uma efêmera participação. De qualquer forma, a identificação de casos exemplares pode ser

¹⁵ Informações colhidas com base no conjunto documental constituído pelos questionários do movimento, datado de 1984 (ver nota 14).

feita, e a eleição de um ou outro indivíduo como objeto de estudo pode ser feita e forma satisfatória. Carlo Ginzburg ainda ressalta que em estudos onde o âmbito da investigação é bastante circunscrito, as séries documentais podem sobrepor-se no tempo e no espaço de modo a permitir encontrar o mesmo indivíduo ou grupos de indivíduos em contextos sociais diversos. O fio que guia o investigador seria o nome¹⁶.

As contribuições de Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu (1989) herdeiro de uma tradicional escola sociológica francesa procura em seus textos – refiro-me em especial àqueles reunidos na obra *O Poder Simbólico* – pensar sobre os sistemas simbólicos existentes na vida em sociedade e que permeiam a ação social como elementos de distinção social e exercício do poder. Bourdieu analisa o poder simbólico como difuso, ausente e presente em toda a parte, agindo nas diversas instâncias da vida em sociedade. Para a tradição marxista a função política dos sistemas simbólicos são as mais relevantes por estarem ligadas aos interesses da classe dominante. Estabelecem-se relações de poder que dependem do poder material ou simbólico acumulados pelos agentes, distinguindo-se pela forma em que são produzidos e apropriados pelos grupos, dessa forma, as ideologias seriam sempre duplamente determinadas. A construção e aceitação destas estará relacionada à legitimidade das palavras e daquele que as produz ser uma estrutura estruturada e das palavras serem estruturantes.

A construção dos conceitos de *habitus* em *campo* em Bourdieu permitem sua aplicação a universos diferentes como uma categoria para pensar diversas realidades e como uma tentativa de construção metodológica. Entender o conceito de campo como espaço social de relações objetivas, orienta-se pela hipótese de que existem homologias estruturais e funcionais entre todos os campos. Em cada campo os conceitos irão se manifestar de maneira específica, desse modo, compreender a gênese social de um campo, as crenças que o sustentam, das suas manifestações simbólicas, são importante para explicar os atos dos produtores e as obras por eles produzidas.

A construção de uma teoria do espaço social como pretendido por Bourdieu foge da teoria marxista na medida em que privilegia as relações e não as substâncias; não reduz a

¹⁶ GINZBURG, Carlo. *Op. Cit.* P. 174.

realidade ao determinismo econômico e ao privilegiar as lutas simbólicas desenvolvidas nos diferentes campos. Para a sociologia no mundo social os agentes estão constantemente criando categorias, princípios de diferenciação entre os grupos são definidos pela posição ocupada. A cada grupo correspondem valores que lhe são atribuídos e assim diferentes espécies de poder ou capital. E é através da utilização destes que as relações sociais são construídas. Cada campo tem sua lógica e hierarquia próprias, um espaço multidimensional de posições de acordo com a composição do capital dos agentes, seja a propriedade econômica, cultural, escolar ou social. Com base nisto define-se as classes ou conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e possuem atitudes e interesses semelhantes. Não é uma classe, no sentido de grupo mobilizado para a luta, mas enquanto conjunto provável. Estes pontos marcam a primeira de várias rupturas com a tradição marxista.

Há que se levar em conta também as representações que os agentes têm do mundo social, neste sentido podem haver uma pluralidade de pontos de vista e visões de mundo, existindo lutas simbólicas pela produção e imposição da visão de mundo legítima. As estratégias utilizadas para este fim passam deste a atitude particular à atitude formalizada através da ação do Estado “detentor do monopólio da violência simbólica legítima”, de qualquer forma o que se estabelece é uma disputa desigual. Para Bourdieu o campo político é um campo de dominação por excelência que opõe os produtores de bens culturais daqueles mais desprovidos dos meios de produção econômica e cultural. “A política é o lugar por excelência da eficácia simbólica, do poder de produzir coisas ou grupos” (1989, p. 163). Sobre o funcionamento do campo político, Bourdieu deixa bem claro, desde o início, a importância das determinantes econômicas e sociais, da divisão do trabalho político, para agentes politicamente passivos ou ativos.

Segundo o autor, é no campo político que são geradas as alternativas, problemas e soluções que são apresentadas à população, cabendo a esta decidir sobre qual adotar. A concentração desse poder nas mãos de pequenos grupos e sua unanimidade vai depender da quantidade de capital simbólico disponível entre os outros grupos, quanto menor, menor será a probabilidade de questionamento. A atitude dos dominados está ligada à sua vinculação submissa a determinado grupo que procede sua representação ou cair no individualismo das lutas reivindicativas. E dessa forma também é vista a relação dessa massa desprovida de ação política e atitude pró-ativa, com a liderança à qual está relegado o poder de esclarecimento. O jogo político é representado em uma luta simbólica pela conservação ou pela transformação do mundo social através dos princípios de di-visão deste mundo.

Conclusão

Dessa forma, as assertivas de Pierre Bourdieu podem contribuir de forma significativa para os estudos sobre o movimento associativo e sua dinâmica própria. Principalmente se atentarmos para a prevalência entre os movimentos das décadas de 70 e 80 dos assuntos políticos. A luta democrática por maior participação ou a luta por melhores condições de vida constituem-se nas principais bandeiras do período, e colocam-se em constante choque com esse campo político. Pressionando através de protestos, manifestações ou outras formas de luta, esses movimentos questionavam a onipotência do poder político em tomar as decisões procurando fazer parte do jogo e não deixar que um Estado governado por poucos, fosse o único detentor do poder das decisões.

A utilização desse tipo de esquema teórico para pensar as relações de poder em voga na sociedade articulada com a metodologia micro-histórica, constituem, a partir do exposto, um forma bastante pertinente de estudo da realidade social a partir da ação do sujeito. Como ressalta Giovani Levi¹⁷ toda ação social é individual, baseada em escolhas e decisões diante de uma realidade normativa, o que demonstra total consonância entre as duas propostas.

Apesar de as pesquisas micro-histórias aterem-se, sobretudo, ao estudo de passados mais longínquos, privilegiando trajetórias perdidas no tempo, acredito que um estudo como tal para o século XX, onde as fontes costumam ser abundantes e variadas, demonstra total pertinência metodológica e poderia enriquecer imensamente os estudos da história recente.

Bibliografia

BOBBIO, Noberto. *Dicionário de Política*.

BOSCHI, Renato Raul. *A Arte da Associação*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. (Lisboa, Difel, 1989).

FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e Democracia (1964-...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (As Esquerdas no Brasil; v.3)

¹⁷ REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Cia das Letras, 1996. P. 25.

GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SANTOS, Wanderley Guilherme. *Cidadania e Justiça : A Política Social na Ordem Brasileira*. 3ªed. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

Fontes:

- Jornal Unibairros;
- Ata de fundação do movimento;
- Questionários utilizados pelo movimento;